PASSAGENS DA VIDA DE TAKAHIDE DAIJÓ CORRELACIONADAS COM A OBRA “O IMIGRANTE JAPONÊS”, DE TOMOO HANDA

DAIJÓ, Harry Takahide, 2074624

RESUMO

Este artigo pretende promover uma comparação entre alguns momentos da vida de Takahide Daijó, registradas em material audiovisual e narradas por ele próprio, com os movimentos dos imigrantes japoneses expressados na icônica obra literária de Tomoo Handa. Takahide e Tomoo tinham duas características peculiares em comum: ambos eram adolescentes quando chegaram ao Brasil e os dois pisaram em solo brasileiro no mesmo ano, 1917. O texto mantém o foco no depoimento de Takahide e a referência aos escritos de Tomoo caminham em paralelo. Ao se cruzarem, proporcionam uma visão pontual, porém, dinâmica e ampliada, situando em um contexto social os pensamentos e sentimentos isolados de um homem. O presente trabalho não se restringiu à fonte audiovisual e ao livro, pois encontrou suporte em ampla pesquisa bibliográfica.

Palavras-chave: Imigração japonesa. Fonte audiovisual. História. Memória.

1. INTRODUÇÃO

A imigração japonesa tem sido exposta de muitas maneiras. No aspecto literário, uma obra — por ser citada copiosamente e em variados trabalhos — tornou-se, ao longo dos anos, uma incontestável referência: “O imigrante japonês. História de sua vida no Brasil”, de Tomoo Handa.

O livro foi originalmente escrito no idioma japonês, publicado no Japão em 1970 e intitulado “Imin no seikatsu no rekishi, Brasil nikkeijin no ayunda michi” (traduzido como “O caminho trilhado pelos *nikkeis* do Brasil”). O lançamento no Brasil só ocorreu muitos anos depois, oficialmente no dia 30 de janeiro de 1988 em São Paulo. Tomoo Handa, seu autor, tinha então 81 anos de idade.

Em suas 828 páginas, divididas em doze partes, o autor transita entre os anos 1908 e 1968, narrando a caminhada e o entrelaçamento de dois povos — os imigrantes e seus anfitriões.

Takahide Daijó, por sua vez, não deixou uma obra literária icônica. Todavia, incursionou, em meados dos anos 1930, no ambiente educacional. Com 32 anos de idade, após habilitar-se para o ensino nas escolas particulares[1] e, em seguida, obter o registro de tradutor público para o idioma japonês[2], ele publicou a trilogia "Método Prático da Língua Japonesa[3]" (Anexo 1).

Cada livro tinha por volta de 30 páginas e apresentação bastante simples. Foram divididos, em termos pedagógicos, com certo critério: o primeiro e o terceiro volumes versavam sobre a "Tradução de Leitura Escolar do Japão" e, o segundo, era destinado ao "Uso Comercial". Conforme depoimento do autor, foram comercializados dez mil exemplares desses três volumes, o que representou uma mudança significativa em sua vida.

Takahide nasceu em Itoman, Okinawa, em 1903, e Tomoo, em Utsunomiya, Tochigi, em 1906. Teriam pouco em comum, afora a nacionalidade e a contemporaneidade, mas um ano em especial os ligaria (ainda que indiretamente): 1917. Foi o ano em que ambos desembarcaram no Brasil. Tommo desembarcou do Kawasa Maru em junho e Takahide desceu em agosto do Kawashi Maru.

Tentar entender por que ambos vieram parar no Brasil e como interpretaram as suas próprias trajetórias e conjecturar quais foram as suas primeiras impressões desse novo mundo é algo inquietante. Na verdade, esse vínculo entre os dois personagens, ora proposto, não teria acontecido se um arquivo audiovisual, com pouco mais de uma hora de duração, produzido de maneira amadora em janeiro de 1991, não tivesse vindo à tona (Anexo 2).

Ao ouvir o depoimento de Takahide, somos conduzidos à obra de Tomoo. Algumas frases verbalizadas por ele parecem, inclusive, terem sido tiradas do livro "O imigrante japonês", o que é compreensível porque o material escrito por Tomoo versa justamente sobre a imigração e os imigrantes. Contudo, o fato de lidar com um fragmento da história de um homem comum e tentar resgatá-lo do anonimato é, decerto, uma oportunidade. Trata-se, à

---

[1] Atestado de aprovação emitido em 18 julho de 1935, pelo Governo do Estado de São Paulo, de acordo com o art. 159 do Código de Educação.
[2] Registro publicado no Correio Paulistano em 25 de julho de 1936.
[3] Título original: "Methodo pratico da lingua japoneza por Takahide Daijo".

vista disso, de uma fonte oral, visual, com conteúdo claro e relevante e perfeitamente registrada. Percebe-se aí outro impulsionador desta pesquisa.

> Em outras palavras, a história oral consiste em realizar entrevistas com pessoas que vivenciaram determinados processos da história contemporânea; que foram testemunhas de momentos marcantes; que fizeram parte de instituições, grupos, partidos ou organizações. Ela também pode ser utilizada para compreender modos de vida do passado, formas de pensar, hábitos, transmissões de saberes, crenças, entre outros aspectos. Além disso, é uma forma de dar voz aos sujeitos anônimos, negligenciados e marginalizados da história e pode se constituir em uma maneira de oferecer outra visão sobre determinado evento ou tema — o que, muitas vezes, não é possível por meio das fontes escritas. (SCARPIN e TREVISAN, 2018, p. 175)

As similaridades e, às vezes, disparidades entre as afirmações desses dois imigrantes não só se complementam, mas, juntas, valorizam-se e ganham qualidade. Além disso, ajudam a refletir determinada identidade coletiva e a clarear um momento histórico e visão de mundo de parte da colônia japonesa.

A entrevista de Takahide guiará este artigo. Ao analisar o registro audiovisual, principalmente em seus minutos finais, percebe-se que o entrevistado ainda tinha muito o que contar. A gravação termina de maneira um tanto abrupta, quando ele começa a relatar os primeiros momentos de seu relacionamento afetivo com Rosa Kiguti, sua futura esposa.

Justamente por ser menos abrangente, o depoimento de Takahide encontra suporte no material publicado por Tomoo. O inverso, porém, não seria cabível; ou seja, se tentássemos amparar a obra escrita na entrevista, inúmeros tópicos ficariam em aberto.

Tendo por objetivo proporcionar o máximo de fluidez à leitura, evitou-se, neste artigo a transcrição literal da fala de Takahide. Algumas digressões, repetições e outros inconvenientes, típicos da linguagem falada e que poderiam ficar truncados ou até incompreensíveis na transcrição, foram suprimidos. A exclusão desses chiados foi feita de maneira analítica e criteriosa, sempre zelando pela não alteração do conteúdo da mensagem. A abordagem dos eventos feita neste artigo, foi orientada pelo desenrolar cronológico da vida de Takahide. Não ficou, portanto, amarrada à minutagem do audiovisual. Essa opção foi feita para não gerar confusão em relação à jornada do entrevistado, especialmente porque a entrevista fluiu livremente,

isenta de amarras, e Takahide acabou mesclando momentos mais recentes com casos mais antigos.

2. PIONEIROS

Apesar de muitos imigrantes japoneses já terem desembarcado no Brasil quando da chegada de Takahide e Tomoo, ambos se enxergavam como verdadeiros pioneiros, o que era motivo para vaidade e ressalva. Ambos ressaltam os (apenas) nove anos entre a chegada dos primeiros imigrantes e a deles próprios e fazem menção a seus precursores. O sensível orgulho de terem estado entre os primeiros imigrantes a pisarem em solo brasileiro é, pois, fator de interconexão entre os dois depoimentos.

Ao explicar sua mudança da Fazenda São Martinho para a Fazenda Guatapará[4], Takahide destaca: "Takahide Daijó chegou ao Brasil nove anos depois do primeiro imigrante, nove anos já tinham-se passado, nove anos; portanto, os antecessores já tinham seu arrozal na fazenda chamada Guatapará". (DAIJÓ, 1991, 18m07s)

Tomoo Handa, por sua vez, na apresentação de sua obra, no tópico Palavras do Autor, escreveu: "Em 1917[5], ano em que vim ao Brasil, havia apenas nove anos que os primeiros imigrantes japoneses, trazidos pelo Kasato-Maru, tinham se instalado nesta terra". (p. 19)

3. FAMÍLIA COMPOSTA

Um tópico que Tomoo Handa aborda várias vezes em seu livro é o das "famílias agrupadas para conveniência da imigração" (p. 41). O capítulo 30 é especialmente destinado ao assunto: "Os infortúnios dos membros da "família composta". (p. 305)

Takahide viveu essa experiência. Em seu depoimento, afirma que para emigrar ao Brasil precisou compor uma família com seu primo, Ushi Oshiro, e com a esposa dele. Ushi, nascido em 1894 e quase 10 anos mais velho que Takahide, naturalmente tornou-se o chefe dessa nova célula familiar. Na

---

[4] "Tratava-se de uma grande fazenda, cuja propriedade tinha a área de 9.000 alqueires e 2.100.000 cafeeiros, contando com numerosos colonos estrangeiros" (HANDA, 1987, p. 51)

[5] De acordo com a Comissão de Edição da História da Expansão dos Japoneses no Brasil (1942), entre os anos 1917, 1918 e 1919, aproximadamente 180 mil japoneses emigraram para o Brasil, Canadá, EUA e Havaí.

entrevista, Takahide não se lembra do nome da esposa de Ushi. A Lista Geral de Passageiros do navio Kawahi Maru esclarece a dúvida (Anexo 3): Ushiguwa Ogusuku, a qual tinha 19 anos de idade na época de sua emigração para o Brasil.

Os três seguiram uma espécie de roteiro delineado na obra de Tomoo. Com efeito, uma família composta não promovia e, muito menos, mantinha o senso de pertencimento similar ao de uma família comum. Takahide testemunhou essa fragilidade, uma vez que, pouco mais de um ano depois de sua chegada ao Brasil, já não contava com a companhia dos primos, os quais seguiram seus próprios caminhos.

> Quem, depois de vir para o Brasil, experimentou a solidão e o sofrimento sem que ninguém tomasse conhecimento disso foram os moços e moças das chamadas “famílias compostas”. [...] Fiéis aos compromissos assumidos por ocasião da saída do Japão, e porque simplesmente se prestaram a possibilitar a vinda dos chefes de família ao Brasil, dela se separavam uma vez cumprido o prazo do contrato depois de aqui terem chegado, ou mesmo antes, caindo fora depressa e tornando-se livres se fossem moços decididos desiludidos com a falta de fibra dos chefes de família. (HANDA, 1987, p. 305)

Segundo testemunho de Takahide, o casal que o acompanhou ao Brasil se saiu bem. Conseguiram, dentro de um prazo razoável, acumular algum dinheiro — o suficiente, ao menos, para levá-los de volta ao país natal. Segundo Takahide, a não gravidez de Ushiguwa foi o motivo para a separação do casal. O depoimento segue e surpreende. Já no Japão e após o divórcio, Ushi, o primo, casa-se com a irmã de Takahide: Shige. Juntos constituem família e têm cinco filhos.

> Viemos emigrados e Takahide Daijó trabalhou com o primo pouquinho tempo. Depois se separou e ficou independente. Financeiramente independente não é dependente. Trabalhou um ano, um ano e pouco junto, junto. Depois ficou independente. Depois, então, o primo trabalhou com a sua esposa e juntos ganharam, compraram terra, plantaram café e arrumou dinheiro. Com esse dinheiro, voltaram ao Japão. Chegando no Japão, não tinham filhos. Então se divorciaram. (DAIJÓ, 1991, 15m43s)

4. MUDANÇA DE NOME

O primeiro momento do audiovisual de Takahide guarda pouco amparo na obra de Tomoo, uma vez que versa sobre a propositura de

mudança de seu nome e de seu sobrenome. Na realidade, tal iniciativa não era comum. Presume-se, assim, tratar-se de uma das peculiaridades desse imigrante, que chegou ao Brasil denominado Jira Ogusuko. Para mudar de nome, Takahide contou com a presteza do Sr. Seizen Oshiro, que trabalhava em um cartório no Japão. O Sr. Seizen foi casado com a Sra. Kamithian Oshiro, irmã de Takahide. O processo não foi simples e, na entrevista, Takahide faz questão de destacar que foi custoso mudar de sobrenome. Não se alonga ao explicar o porquê da opção "Daijó". Com visível orgulho, Takahide diz somente que "Daijó significa Supergrande" e que "achou muito bonito e queria perpetuar esse sobrenome, divulgando para seus descendentes, ofertando-lhes a segurança do sobrenome, e aumentar os seus parentes com esse sobrenome". (DAIJÓ, 1991, 01m36s)

Destaca também que Daijó é homônimo de Oshiro e ambos os termos poderiam ser traduzidos como "Grande Castelo". Quanto ao nome "Takahide", explica o entrevistado, significa "sobressaído", sobressaído de muita gente, destacado de um grupo.

O excêntrico gesto guarda consigo uma espécie de segredo, não desvendado no material audiovisual em análise. O que, francamente, estaria por trás dessa mudança tão expressiva e radical? Mudar o nome e o sobrenome, conferidos a ele por seus pais e antepassados, apoiando-se num argumento pueril, — simplesmente porque achava Daijó "bonito" — não parece razoável. O imigrante queria apagar seu passado? Queria se desconectar das suas origens? Queria repreender seus pais? Ou queria começar do zero a escrever uma nova história? Essas perguntas ficaram sem respostas.

O entrevistado também aponta que nenhum dos seus irmãos ou irmãs alterou o sobrenome. Após competente trâmite junto ao Consulado Geral do Japão, tal oportunidade de mudança lhes foi apresentada. Ninguém levou adiante tal manejo. Takahide afirmou que "deu documento de mudança para seus irmãos. Eles não mudaram. Eles "ficaram por isso". Então essa mudança parou no Consulado Geral do Japão". (DAIJÓ, 1991, 11m18s)

5. VINDA DOS IRMÃOS E DESLIGAMENTO DEFINITIVO DO JAPÃO

Em seu livro, Tomoo Handa descreve o penoso momento vivido pelos imigrantes japoneses em solo brasileiro no período da II Guerra Mundial. O autor destaca o dilema que então aturdia essas pessoas: permanecer no Brasil ou retornar ao Japão? Tomoo cita o livro “Os japoneses de Bauru”, de Shungoro Wako, publicado em 1939, que aborda o impasse já no prefácio, sob o título “Imigração permanente ou retorno”.

De acordo com o texto, 85% dos imigrantes desejavam voltar à sua pátria. Takahide Daijó fazia parte dos outros 15%. Além de desejar, firmemente, ficar no Brasil, fez mais: agiu rapidamente e trouxe do Japão — sãos e salvos — todos os seus irmãos e irmãs.

> Antes da segunda guerra, Takahide Daijó era leitor de jornal e por essa leitura ficou conhecendo bem claro que vinha a II Guerra Mundial. Portanto, a família que está no Japão corre perigo de ser esmagada pela guerra. Takahide Daijó, compreendendo isso, chamou essa família para vir ao Brasil [...] inclusive, orientou que vendessem todos os bens da família e propriedades, liquidassem tudo, porque deixando em sobra – alguma coisa lá no Japão – ficaria custoso ir buscar, proteger, controlar essa administração. (DAIJÓ, 1991, 05m45s)

Curioso destacar e contextualizar que quando Takahide toma a decisão de trazer os seus irmãos e irmãs, a guerra era incipiente e o Japão gozava de bom prestígio, uma vez que, após incursões belicosas assertivas, estava ocupando espaço relevante no cenário internacional.

> O Japão tinha atingido agora o seu objetivo de igualar as potências ocidentais e de ser levado a sério por elas. Longe de ter de fazer face à ameaça de colonização pelas potências imperialistas, como temera algumas décadas atrás, estava agora em condições de tomar o seu lugar entre elas. (HENSHALL, 2017, p. 132)

Dessa maneira, independentemente de quem saísse vitorioso no conflito que se avizinhava, entende-se que Takahide tinha verdadeiro interesse na preservação da vida dos seus familiares mais diretos e tinha também convicção de que sua família deveria, no Brasil, iniciar uma nova jornada.

A chamada “remobilização social” — uma alternativa cogitada pelos imigrantes japoneses no caso da vitória nipônica — não lhe parecia sequer uma hipótese.

> Muitas pessoas tiveram sua atenção voltada para a guerra, e atônitas com os ataques repentinos desencadeados por Hitler, pensavam que quando sobreviesse a paz mundial aconteceria a "remobilização dos povos" e dessa forma os japoneses regressariam à terra natal, participando de seu desenvolvimento. (HANDA, 1987, p. 628)

Com os pais já falecidos e sendo primogênito, Takahide detinha certo poder (algo usual na cultura japonesa). Valendo-se de tal condição e, provavelmente, depois de muito refletir, fez dura opção: afastar-se mais claramente do Japão e se entregar, agora em companhia dos irmãos, ao Brasil.

6. DA FAZENDA SÃO MARTINHO PARA GUATAPARÁ

Durante o seu primeiro ano, na fazenda São Martinho (nas proximidades de Ribeirão Preto), como Takahide mesmo disse, "trabalhava de enxada, colono, apanhava café". (DAIJÓ, 1991, 17m30s)

Ao descontar a refeição do salário que recebia, mal sobravam 300 réis por dia. Buscando melhor oportunidade, resolveu mudar-se para a fazenda Guatapará, mais especificamente para uma colônia de japoneses rizicultores: Mombuca.

Takahide buscou, desse modo, amparo junto àqueles imigrantes que já tinham conquistado algum espaço (ainda que efêmero), fora das grandes fazendas. Nessa colônia, aceitou trabalhar ganhando 30.000 réis por mês, livres de comida. A esse respeito, afirmou: "[...] já era, portanto, uma grande salvação." (DAIJÓ, 1991, 18m41s) Todavia, ficou nessa posição apenas três meses.

Em Mombuca, ao se deparar com novos imigrantes recém-chegados (alguns de fisionomia conhecida), ele foi atraído para se aventurar no noroeste do estado (onde, diziam, havia melhores possibilidades). Dirigiu-se, então, com esses companheiros para a região de Birigui e Araçatuba, onde contraiu malária.

Esse movimento dos imigrantes, das fazendas onde foram inicialmente alocados para as "fazendas independentes", ou para os "modernos sítios", não passou despercebido ao registro de Tomoo.

Segundo entendimento do escritor, especialmente após os anos de superprodução do café (1906-1907), a relação oferta versus demanda

desequilibrou-se, gerando fortes descontos nos preços. Para minimizar os efeitos colaterais de tal cenário, a solução encontrada pelos fazendeiros foi vender pequenas frações de seus latifúndios, dando, assim, maior liquidez às operações em aberto.

> A moderna agricultura no Estado de São Paulo vinha sendo desenvolvida, inicialmente, nas grandes fazendas controladas pelos igualmente grandes latifundiários. No entanto, depois da crise gerada pelo excesso de produção de café, no início do século, a agricultura se tornou intensa também nas fazendas de médios e pequenos proprietários. Foi o que aconteceu também na região Noroeste, com um fôlego admirável, aproximadamente a partir de 1920. (HANDA, 1987, p. 525)

Esse movimento de alienação de pequenas glebas de terras a preços competitivos favoreceu aqueles imigrantes (não só os japoneses) que tinham conseguido, até ali, compor alguma reserva.

> O trabalho na fazenda pressupunha a dedicação de toda uma família, e o sistema de salário não lhe oferecia nenhuma perspectiva de lucro caso não fosse sustentada por uma atividade paralela. Em meio a essa situação, adveio uma nova época em que o colono já podia dirigir uma fazenda independente, com os próprios braços. “Trabalho independente em terreno próprio” — esse era o sonho que o trabalhador rural concretizou nessa época de grandes fazendas. (HANDA, 1987, p. 204)

Tomoo também assinala em sua obra o início do cultivo do arroz, pelos imigrantes japoneses, em solo brasileiro. Aliás, o capítulo 20 de seu livro destaca “Os pioneiros no cultivo do arroz”. (p. 209)

Os japoneses rapidamente perceberam que, se por um lado, as áreas de baixada e as regiões de banhado eram totalmente inadequadas ao cultivo do café, por outro, eram adequadas para a rizicultura. Assim, mesmo contando com pouco dinheiro para investir, o discurso dos imigrantes nipônicos seduzia os fazendeiros, afinal, aquelas áreas eram, aos olhos destes, um tanto inaproveitáveis.

7. MALÁRIA

Muito provavelmente, Takahide seguiu de trem para Birigui (algo usual naqueles dias). Mal sabia o que lhe aguardava. A própria estrada de ferro que o transportava era uma espécie de prenúncio silencioso. A sua construção

tinha sido palco, alguns anos antes, por volta de 1908, de batalhas travadas entre os trabalhadores e os indígenas e desses dois contra a malária, doença que quase levaria o jovem imigrante, precocemente, a óbito.

A malária é constantemente abordada no livro de Tomoo. Lendo vários trechos da sua obra, é possível entender o roteiro que levou Takahide a essa condição: deitado no chão, delirando de febre e flertando com a morte.

Tomoo relata, por exemplo, um episódio intitulado “A tragédia da Ilha Grande” (p. 380), onde conta que 40 famílias desembarcaram no Brasil e após inúmeras mortes e algumas fugas restaram tão somente quatro famílias.

> Entretanto, passada a estação das chuvas, quando a colheita já se avizinhava, uns após outros os imigrantes começaram a adoecer, da mesma forma que seus compatriotas do núcleo Hirano: era o surto de malária que os assolava. Chegou-se a tal ponto que, das 40 famílias, somente uma ainda se mantinha em condições de trabalhar no campo. Naquela época, só contavam com a quinina, além da injeção de pardan. (HANDA, 1987, p. 381)

Em seu depoimento, Takahide associa o período em que ficou enfermo com o momento em que se deu seu aprendizado do português. Enaltecendo suas virtudes de autodidata, ele diz, sem falsa modéstia, que aprendeu português “sozinho” e “imediatamente”.

> Tinha livro que ensinava língua portuguesa por meio da língua japonesa. Então, Takahide, conhecendo a língua japonesa, leu. Leu e compreendeu o significado do português. Sozinho aprendeu. Ficou, dentro de pouco tempo, ficou destacadamente diferente do outro. Isso é que é importante. Sozinho e imediatamente! [...] Tempo que mais aprendeu, pegou maleita. Mas, da maleita, melhorou. Paco comprou remédio, trouxe e, tomando esse remédio, maravilhosamente, uma maravilha, sarou dessa doença mortal e custosa de curar. (DAIJÓ, 1991, 27m43s)

Rapidamente percebeu e teve consciência do seu diferencial, perante outros imigrantes que não compreendiam o idioma local, afirmando: “enquanto os outros continuavam sem saber nada, Takahide, sozinho, aprendia”. (DAIJÓ, 29m12s)

8. CAMPO GRANDE

Pelo depoimento cronológico que fez, Takahide trabalhou um ano e meio em uma empresa de japoneses, produtora de açúcar. A companhia, contudo, passava por dificuldades financeiras e não honrava seus compromissos com os trabalhadores. Buscando uma nova oportunidade, já com 18 anos de idade, Takahide seguiu para Campo Grande: Companhia japonesa de açúcar: "Fui lá trabalhar. Trabalhei muito tempo, mas, a companhia estava meio pobre. Não pagou. Então procurei meio de deixar essa companhia. Tinha 18 anos de idade. Grande, mocinho já". (DAIJÓ, 1991, 24m15s)

Campo Grande foi uma cidade muito importante para os okinawanos e tal destaque não passou despercebido à escrita de Tomoo, que dedicou um capítulo inteiro a essa temática: "O desenvolvimento dos okinawanos em Campo Grande".

A busca pela prosperidade continuava e o enriquecimento era algo cada vez mais longínquo, não só para Takahide. A grandiosa obra de construção da ferrovia mato-grossense era a alternativa que muitos estavam buscando. Segundo Tomoo era a "Terra da Promissão"; afinal, "um dia de trabalho garantiria praticamente um mês inteiro no Japão". (HANDA, 1987, p. 387-388).

Porém, nem tudo era positivo. Tomoo destaca: 1) o surto de malária que também afligia Campo Grande, uma região notadamente pantanosa, remota, onde inúmeros imigrantes sucumbiram e 2) a presença de animais selvagens e de indígenas, que em muitos casos antagonizavam com os recém-chegados. O ambiente era, portanto, inquietantemente hostil e inóspito.

As obras dessa ferrovia foram concluídas em 1915, antes, portanto, da chegada de Takahide ao Brasil. Mas, a enormidade da empreita e os bons salários serviram de chamariz – conseguindo seduzir e conduzir àquela região uma grande quantidade de okinawanos. Tal precedente motivou a ida do jovem Takahide para a mesma cidade por volta de 1921, fato que podemos identificar tanto no depoimento de Takahide quanto na obra de Tomoo, as quais parecem se alinhar, inclusive, em termos cronológicos.

Takahide, segundo ele mesmo afirmou, foi trabalhar como carpinteiro na construção de quartel do exército. Ao ler o texto de Tomoo, é possível enxergar Takahide transitando por suas linhas:

> Os imigrantes que afluíram para Campo Grande nem sempre visavam à colonização da mata virgem. Com a instalação do quartel, entre 1920 e 1922, e consequente aumento do número de soldados, a demanda de capim e verduras para alimentar os cavalos cresceu sensivelmente, enquanto o aumento gradual da população da cidade ofereceu condições para o surgimento de pequenos agricultores em torno da cidade. (HANDA, 1987, p. 394)

Em sua entrevista, Takahide destaca e detalha as razões de sua mudança:

> Fui para Campo Grande, Mato Grosso, trabalhar de carpinteiro. Eu tenho prática! Sou capaz de construir tudo isso aí! Sei trabalhar com madeira. Só tijolo, não. Com tijolo nunca trabalhou. [...] De carpinteiro, fiquei um ano mais ou menos. Carpinteiro. Construção do quartel militar. Campo Grande tem quartel de soldados. Foi construído no meu tempo: 1921. [...] Fui sozinho para lá. (DAIJÓ, 1991, 25m58s)

Justamente no período em que Takahide caminhava por aquela região, Tomoo aponta uma estatística interessante: "o número de famílias japonesas em Campo Grande por volta de 1920 beirava 50, e delas apenas uma não era de Okinawa" (HANDA, 1987, p. 396). Nessa época, Takahide estava vivendo em um ambiente bem servido de conterrâneos. Isso não transformava, porém, o cotidiano do povoado em algo fácil. Ao contrário:

> Campo Grande dos primeiros tempos era tida como uma cidade selvagem, para onde convergiam todo tipo de errantes da sociedade e onde o homicídio já não era novidade, o que levou aqueles que lá pretendiam fixar-se a tomar uma série de precauções. (HANDA, 1987, p. 395)

Todavia, não eram só os "errantes" que seguiam para lá. A cidade concentrava também muitos pecuaristas e vaqueiros, movimento observado por Tomoo. Esses personagens, direta ou indiretamente, influenciariam Takahide Daijó a se aventurar, no futuro, na criação de animais.

9. ARROZ

Tomoo dedica um capítulo do seu livro aos hábitos e costumes dos imigrantes. O primeiro deles é, justamente, "o hábito de comer arroz e tomar

banho de furô[6]” (HANDA, 1987, p. 535). Uma vez que o arroz era um produto caro (inclusive no Japão), os japoneses buscavam, constantemente, alternativas para substituí-lo ou incrementá-lo.

Tomoo observa que os imigrantes misturavam o grão com batata doce, mandioca, fubá, ou com canjica. Tudo para ganhar volume e fazê-lo render mais. Nada, contudo, parecia ser melhor do que o “gohan” (o arroz japonês); branquinho, cozido sem qualquer tempero e bem fofo.

> O grande problema era mesmo o arroz. [...] Imagina se não houvesse arroz no Brasil! A vida nas fazendas era dura, mas havia o arroz. Com a única ressalva de que para eles era caro, em função da renda que tinham, razão pela qual não havia quem não vivesse quebrando a cabeça procurando economizá-lo. (HANDA, 1987, p. 535)

Quando da sua passagem pelos campos de algodão, Takahide, também buscando alternativas nutricionais que não o arroz, descobriu o poder da dupla fubá e café. Sua inocente descoberta, em um primeiro momento, além de mais barata, lhe traria força e disposição. Não entendia como só ele conhecia essa solução mágica! Arrepender-se-ia depois.

> Plantando algodão, tomando café e comendo fubá, estragou saúde. Prisão de ventre. Dinheiro não tem. Começou a comer farinha de milho. Queria muita força! Tomava café. Era melhor que cozinhar arroz e feijão. Mas, estava errado! Precisava saber que café tem cafeína e é muito perigosa a cafeína. Mas, eu não sabia disso. Se tivesse tido alguma pessoa que indicasse quão perigosa era a cafeína, tinha deixado de tomar café. Eu pensei: “como é que nossos antecessores não descobriram esse segredo de tomar café e comer farinha de milho?” Eu estava errado. (DAIJÓ, 1991, 33m03s)

Na entrevista, ele explica os motivos do arrependimento e reforça o alerta sobre os males que o café provoca: “Aqui, no Brasil é proibido falar mal do café, não é?!” (DAIJÓ, 1991, 36m05s)

10. EXPERIÊNCIAS PROFISSIONAIS

Os movimentos constantes de Takahide, especialmente durante determinado período de sua vida, transitando não só geograficamente, mas

---

[6] Um tipo de banheira, mais parecida com uma barrica/barril, normalmente feita de madeira onde, após enchida de água quente, o japonês fica submerso, em relaxamento, por algum tempo. No Brasil, os descendentes também a chamam de “ofurô”.

nas diversas atividades profissionais que desempenhou, não poderiam ser interpretados simplesmente como mera falta de resiliência ou insegurança.

Assim como outros imigrantes, ele buscava a riqueza, a prosperidade e, sendo assim, caminhava em trilhas que lhe conduzissem a um melhor resultado financeiro. Tomoo, mais de uma vez, também observa esse comportamento: "A intensa mobilidade dos primeiros imigrantes se deu não porque não gostassem da agricultura em si, mas porque eram poucas as oportunidades de ganharem dinheiro rápido no setor agrário, como queriam". (HANDA, 1987, p. 597)

A caminhada de Takahide foi, na maioria das vezes, solitária. Ele não encontrou bons resultados quando se sujeitou à orientação de outras pessoas. Ao que tudo indica, a pouca idade o deixou mais vulnerável. Um pouco mais maduro e não dependendo tanto da opinião dos mais velhos, sua vida melhorou.

> Sozinho! Sempre andando sozinho. Sozinho sempre bem-sucedido. Companheiro não prestou. Nunca prestou andando com companheiro. Porque com companheiro tinha que obedecer às palavras dele. Nunca nada arrumou. Companheiro de Takahide sempre mais idoso. Em todos os lugares, Takahide era sempre mais novinho; então, tem que obedecer às palavras dos mais velhos. Nunca prestou! Nunca prestou! Takahide, trabalhando sozinho, idealizando sozinho, sempre melhorou. Depois, mais tarde, não dependia dos mais velhos... aí que cresceu. (DAIJÓ, 1991, 26m30s)

Takahide foi então para São Paulo. Naquela altura, figurava no seu histórico a passagem como carpinteiro no quartel de Campo Grande. Um diferencial. Assim sendo, ele insistiu no ofício de carpinteiro, atividade que duraria pouco.

> Em São Paulo procurou serviço de carpinteiro. Mas, carpinteiro não convinha. Porque carregava ferramenta para a construção, mas, ela não dura! Construção acaba num instantinho. Então, agora vai para outra casa. Aquela também acaba num instantinho. Isso não convém! É melhor trabalhar de marceneiro. Tinha prática de marceneiro; tinha um pouco de prática. Takahide pediu para um homem arranjar-lhe emprego. Ele arranjou. Apontou: tal casa precisa de gente. Então, fui lá. Trabalhei e já estava ganhando. Mas, dessa casa, mudou para outra casa. Três anos, mais ou menos, trabalhei de marceneiro. (DAIJÓ, 1991, 30m18s)

Na verdade, não só ele. Tomoo trata claramente dessa que talvez fosse a única possibilidade para muitos imigrantes:

> Pesquisando o fato na *História dos 40 anos*, observamos que essa expansão era encabeçada, em termos de profissão, pelo ofício de carpinteiro, fenômeno duplamente interessante: primeiro, porque se pode constatar que já existiam carpinteiros dentre os primeiros imigrantes, e segundo porque - excetuando-se dois ou três profissionais verdadeiros - os demais “carpinteiros” eram todos improvisados, de última hora, provavelmente à base do: “Qual o que, é fácil ser carpinteiro!” (HANDA, 1987, p. 153)

Mudou de profissão. Virou marceneiro, algo mais requintado. Durante o período, Takahide continuava procurando emprego e encontrou um intrigante: “administrador de fazenda”. Seria um salto qualitativo no seu currículo.

> Estava procurando emprego. Li anúncio no jornal: “precisa-se de administrador de fazenda”. Como eu tinha prática, não tive receio de trabalhar na fazenda. Sabe mandar, tem conhecimento profundo, é muito estudioso, sabe das coisas com detalhes. Então fui para os fundos de Araçatuba, em povoado chamado Lavínia. Lavínia é o nome da esposa do antigo patrão Joaquim Franco de Melo. Na verdade, eram três sócios, o Joaquim, o Raul e o Rubens Franco de Melo. Eu, então, aceitei ser administrador da fazenda. Tinha 24 anos de idade. Ainda era rapazinho novo. Mas, não deu muito certo e eu voltei para Araçatuba. (DAIJÓ, 1991, 37m20s)

Apesar da incursão, como Takahide mesmo afirmou, não ter dado certo, o afastamento dos poderosos Franco de Melo foi bastante amistoso; tanto que o Sr. Joaquim Franco de Melo se tornou padrinho do seu filho, Harry Daijó.

Os anos iam passando e Takahide acumulando experiências. Mas, em nenhuma delas, sentia-se realizado. Aproveitando sua liberdade e se sentindo incomodado por um desarranjo de saúde, Takahide fez um movimento inusitado.

> Eu sou solteiro. Casa não tem. Por onde andar é minha casa. Então, voltei para Araçatuba. Como sofria cotidianamente de prisão de ventre, eu queria curar minha saúde. Procurei um médico e perguntei: “eu posso trabalhar graciosamente? Não tens serviço de ajudante?” Trabalhei, mais ou menos, um ano aí — sem ganhar nada. A proposta foi minha: de trabalhar sem ganhar nada! O médico concordou. Dinheiro não tinha, mas, sempre um pouquinho tem, não é?! Depois disso, entrei na farmácia. Médico aqui, farmácia encostada ali. Trabalhei ali três anos. (DAIJÓ, 1991, 40m08s)

Seguiu disciplinadamente um passo a passo até conquistar a gerência da farmácia. Certamente, um divisor de águas.

> Primeiro lavador de vidro, logo gerente de farmácia. Faz tudo, manda dinheiro, compra e venda, tudo, tudo. A farmácia chamava Castilho. O dono chamava-se Alípio de Castilho. Um homem idoso. O médico chamava-se Dr. Athayde Pacheco. (DAIJÓ, 1991, 41m42s)

Para se ter uma ideia do prestígio de Takahide àquela altura, é importante lembrar que a inauguração de uma farmácia marcava o progresso de um povoado. No capítulo 43, que versa sobre o “aparecimento e expansão das cidades do interior”, Tomoo promove essa visão:

> Numa próxima etapa, surge a farmácia. Ela passa a se encarregar do fornecimento de remédios para resfriados, diarreia e de quinino, antes encomendados no armazém. O dono da farmácia faz também as vezes de um médico, da mesma forma que cuida de curativos de ferimentos e de pruridos. Como também aplica soro antiofídico, o pessoal agora se sente mais protegido. O dono da farmácia, mais instruído que os donos de armazém ou botequim, passa a ser uma autoridade respeitada na cidadezinha. (HANDA, 1987, p. 496-497)

O autodidatismo de Takahide, a sua juventude e vontade de crescer, aliados a uma boa dose de sorte e senso de oportunidade, transformaram o imigrante em um comerciante. Soa impensável seu próximo setor de atuação: bilhar!

> Depois da farmácia eu montei bilhar. Eu tenho fotografia do bilhar. Bilhar: tem bolinhas. Depois, mais tarde, achou melhor juntar com o bar. O bar era dirigido por outro homem. Eu dono do bilhar, ele dono do bar. O dono do bar chamava Joaquim. Uns dois ou três anos durou. (DAIJÓ, 1991, 42m38s)

A obra de Tomoo indica quão usual era a atividade (a ponto de constar em seu livro): “Como lazer, após o bilhar, a partir de 1916 o beisebol ganhou destaque e creio que isso contribuiu muito para disciplinar os hábitos sociais dos rapazes.” (HANDA, 1987, p. 178)

Também pontua, estatisticamente, que na cidade de São Paulo, para o lazer, havia, no início dos anos 1930, duas casas de bilhar de japoneses — fora das instalações do Nippon Club: “Na época, porém, o pessoal já estava começando a frequentar as casas famosas dos brasileiros. No Taco de Outro,

na Quintina Bocaiúva, por exemplo, invariavelmente, havia um ou outro japonês," (HANDA, 1987, p. 582)

E quando a entrevistadora pergunta para Takahide: "o senhor sabe jogar bilhar?", ele, pronta e enfaticamente, responde: "Não! Para brincadeira não tem tendência. Tendente mais para leitura, jornais e livros. Bilhar é para ganhar e receber. Não era para eu jogar." (DAIJÓ, 1991, 44m05s)

> Nesse bilhar, alguma vez tinha pouco serviço. Então eu escrevi um livro nesse bilhar. Tinha um amigo poliglota, que sabia falar inglês, português e espanhol. Muitas línguas. [...] Então trocamos aprendizagem da língua. Eu ensinava para ele japonês e ele corrigia o meu português. Então nesse lugar, nessa casa, onde havia o bar e o bilhar (com três mesas) eu escrevi: Método Prático da Língua Japonesa. (DAIJÓ, 1991, 44m30s)

Infelizmente, apesar do esforço, o entrevistado não se lembrou do nome desse amigo poliglota[7]; reitera, porém, ser "muito amigo". Recordou, ainda durante o colóquio, que o filho desse amigo poliglota é dono de jornal, o Jornal de Pinheiros.

11. MÉTODO PRÁTICO DA LÍNGUA JAPONESA

A iniciativa de Takahide de desenvolver, escrever e publicar um método, segundo ele "prático", para ensinar japonês aos brasileiros e vice-versa, é bastante atípica. Valeu-se, conforme depoimento, do tempo ocioso que a casa de bilhar lhe proporcionava.

> Método Prático da Língua Japonesa, primeiro no mundo hein?! Não tem livro semelhante. Tinha 33 anos de idade quando escrevi. Já formado! Carregou livro, vendeu. Então, sobrou um pouquinho de dinheirinho e com esse dinheiro comprou terra. Dez mil fascículos! Comprou terra em Valparaíso. (DAIJÓ, 1991, 46m41s)

Há, na obra de Tomoo, um bom destaque ao processo educacional como um todo, às escolas (desde as pioneiras), passando pelo dilema dos primeiros imigrantes em ensinar o idioma japonês ou português aos seus filhos,

[7] Entrevistado depois, o filho de Takahide Daijó, Harry Daijó, disse que o nome desse amigo tão especial era "Durval Quintilhano".

lembrando também da opressão à língua japonesa durante a II Guerra. Também é abordado o esforço dos pioneiros na área educacional, com destaque para o professor Shinzo Miyazaki. O livro de Tomoo não cita, contudo, qualquer iniciativa similar à empreendida por Takahide.

A tiragem expressiva (10 mil exemplares) e a venda desses livros proporcionaram a Takahide, finalmente, a aquisição de sua primeira área agrícola.

12. COMPRA DE TERRA

Da maneira que Takahide conta na entrevista, quando tinha aproximadamente 35 anos de idade, sua vida em termos patrimoniais mudou bastante. Em um período relativamente curto de tempo ele saiu do zero para 70, depois 120 e, ao final, 300 alqueires de terra. Deparou-se, então, com outro tipo de dilema: não era tão simples administrar 300 alqueires de terra. Partiu para o arrendamento.

> Setenta alqueires comprei, depois 120, depois completou 300 alqueires! Em Valparaíso. Sozinho, com 35 anos de idade. Trezentos alqueires [é] custoso manobrar sozinho! Então resolveu vender. Depois pensou. Tempo de guerra. Já estava tempo de guerra. Melhor arrendar terra do que vender. Porque vendendo, fica sem terra. Mas, arrendando terra, recebe arrendamento e ainda fica sobrando terra. Percebi nesse tempo. Esse não convém vender. Começou a arrendar terra e receber arrendamento. (DAIJÓ, 1991, 51m22s)

A bonança não era sentida só por Takahide. Tomoo distingue o período dedicando a ele um capítulo inteiro, intitulado: “Os núcleos de colonização no auge da prosperidade (1930-1940)”. Nele, há um subtítulo especialmente alinhado com a narrativa de Takahide: “A vida dos imigrantes, quando passaram a ser pequenos proprietários (moradia e alimentação)”. Muito daquele contexto, que não ficou explícito na entrevista de Takahide, é ali narrado.

No capítulo 45, “A força dos japoneses na região noroeste do estado de São Paulo”, uma tabela demonstra, em números, a participação dos japoneses proprietários de terra. Comparando os anos de 1933 e 1938, observa-se que a quantidade de japoneses proprietários (ao longo da estrada de ferro Noroeste e arredores) salta de 2.908 para 3.969. Tomoo nos ajuda a entender qual o

tamanho da distinção de Takahide nesse contexto, especialmente perante os seus compatriotas, ao dividir a quantidade de hectares pela de proprietários.

> Por outro lado, enquanto a média de área possuída pelos 2.908 imigrantes em 1933 era de pouco menos de 16 alqueires, em 1938 essa média se reduz para 15,6 alqueires para cada um dos 3.969 imigrantes. Os números parecem apontar que os imigrantes tinham pressa em ficar independentes e possuir o seu pedaço de terra, mesmo que este fosse uma pequena área. (HANDA, 1987, p. 523)

Considerando que em 1933 já eram 140 mil imigrantes japoneses e, em 1938, 200 mil e levando em conta também que a média por imigrante proprietário oscilava ao redor de 16 alqueires, imaginar que Takahide já era proprietário de 300 alqueires — quase 20 vezes mais que a média — traduz claramente o seu êxito.

13. PECUÁRIA

Ao se perguntar, no capítulo 46, “Por que os japoneses se apegaram à agricultura?”, Tomoo faz breve menção aos japoneses pecuaristas:

> Para um povo essencialmente agrícola, o comércio era algo muito trabalhoso. Era mais despreocupante pegar na enxada, caminho natural de um povo tradicionalmente agrário. Demoraram também em começar a lidar com a pecuária. Aliás, o que caracteriza a imigração japonesa é haver tão poucos pecuaristas japoneses até hoje. (HANDA, 1987, p. 528)

Na entrevista, Takahide cita sua incursão pela pecuária de um jeito meio simplista. É possível supor que o arrendatário não investia no solo (até porque, naquela época, isso não seria usual). A produtividade baixou e ele se desencantou com a gleba. A solução para sua recuperação, segundo entendimento de Takahide, foi plantar capim e, o resultado, nesse caso, foi bom. Tão positivo a ponto de valer o investimento em cercas e em cabeças de gado.

> Em Lavínia eu manobrava negócio de terra. [...] Quando arrendatário, não quis mais arrendar terra, porque terra estava ficando velha, eu plantei capim nessa antiga terra arrendada. Plantou, cercou o capim plantado e soltou o gado. Experimentou que esse gado deixa lucro. Aí foi o princípio de subida do recurso financeiro. Gado deixa muito lucro. Ficou provado. (DAIJÓ, 1991, 53m22s)

O ganho financeiro veio e ele se encontrou. A partir daí, a bovinocultura de corte fomentou sua prosperidade. O pós-guerra mostrar-se-ia muito promissor aos seus negócios, os quais, posteriormente, somados ao investimento assertivo no mercado imobiliário, consolidou-o como um imigrante vitorioso.

14. CASAMENTO

Tomoo minucia em seu livro o casamento dos imigrantes e suas múltiplas facetas. A palavra "casamento" aparece em vários momentos[8]. Afora o evento em si, ele também apresenta cenas do cotidiano desses casais. Até a lua-de-mel é, ainda que brevemente, abordada: "Sem condições para uma verdadeira lua-de-mel, os recém-casados conformam-se e tiram uma soneca em seu quarto". (HANDA, 1987, p. 244)

Quanto a Takahide, só se casou com 40 anos de idade, algo atípico. De acordo com os relatos de Tomoo, os casais se uniam ainda na tenra juventude e, a partir dali, labutavam e construíam, juntos, uma história. O próprio Takahide, em seu depoimento, destaca a situação como certa anomalia: "Bom... em 1942, com 40 anos de idade, resolvi casar. Imagina! Solteiro com 40 anos de idade! Nesse tempo, já estávamos em guerra. Meus irmãos todos no Brasil, todos casados e com filhos". (DAIJÓ, 1991, 54m45s)

A decisão de se casar parece que foi algo bem pensado. Ele se sentia, enfim, preparado:

> Eu era o mais velho de todos. Então eu pensei: melhor casar. Porque, com 40 anos de idade, não sou muito atrasado, sou professor da língua japonesa, guarda-livros — diplomado pela Faculdade de Comércio Don Pedro II (de Araçatuba) e registrado na Superintendência de Ensino Comercial do Rio de Janeiro[9]. (DAIJÓ, 1991, 58m38s)

---

[8] Com destaque para: capítulo 25, "Um ano na vida dos pioneiros" (p. 243), capítulo 28, "Casamentos na sociedade formada pelos imigrantes" (p. 298) e capítulo 77, "A questão dos casamentos dos nisseis" (p. 794).

[9] Decreto N° 20.158, de 30 de junho de 1931.

Casamentos entre homens mais velhos e mocinhas era usual na comunidade. Takahide, contudo, não era “um pouco mais velho”. Ele mesmo demonstra certo constrangimento ao falar sobre o assunto:

> “Melhor casar. Mas, nesse tempo, cadê parceira? Cadê companheira? Cadê? Com 40 anos de idade... moça de 15, 16 anos, já é longe. Ficou esquisito, né?! Eu estava no hotel e tinha um quadro pendurado: “Rosa Daijó, professora acompanhada com seus alunos”. Fiquei esquisito: “será que não é companheira?” (DAIJÓ, 1991, 01h01m34s)

Na entrevista, Takahide afirma que viu a foto de Rosa com seus alunos e leu o nome “Rosa Daijó”, mas, na realidade ele leu “Rosa Kiguti”, pois era esse o seu nome de solteira. Eles se casaram no distrito de Valparaíso, no dia 13 de novembro de 1943. Ela tinha 28 anos. Tiveram três filhos: Katsunari (falecido precocemente), Harry e Zilah.

Rosa, diferentemente de Takahide, era nissei, nascida na cidade de Cambuhy (região de Matão/ Araraquara), estado de São Paulo. Seus pais, Takesaburo e Shim, emigraram de Hiroshima. Professora de corte e costura, era uma mulher à frente de seu tempo. Trabalhava, tinha seus próprios proventos e não cedeu ao matrimônio precoce. Os anos seguintes reforçaram a imagem da mulher virtuosa, cuja trajetória, repleta de trabalho, privações, atenção aos filhos e uma luta intensa contra o câncer, vale uma escrita oportuna e detalhada. A doença a levou em 8 de novembro de 1983.

15. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o adequado registro, o cotidiano de qualquer pessoa pode ajudar a escrever a grande história. A fonte oral, outrora controversa, consolidou-se com o passar dos anos. O documento audiovisual também se firmou como fonte confiável.

O livro de Tomoo Handa foi publicado em 1987 e Takahide fez questão de adquirir um exemplar. Ao tê-lo nas mãos percebeu, imediatamente, tratar-se de um material único. Justamente por isso, deixou registrado o seu desejo na primeira página da publicação. De próprio punho, detalhou a compra e, como se fizesse uma dedicatória sobre um gigantesco presente, escreveu:

“para filhos e netos”. Insistiu na relevância do presente intergeracional advertindo: “Proibido empresar, doar livros, inclusive este” (Anexo 4).

É inquietamente e, ao mesmo tempo, notável imaginar que a história que ele leu, aos 85 anos de idade, era também a sua própria história!

De qualquer modo, alinhar os depoimentos desses dois imigrantes tão especiais e perceber, claramente, que um corrobora o outro (de maneira harmoniosa e constante) é, de certa forma, como trazer um foco de luz a uma história anônima em meio a uma grande epopeia. O entrevistado demonstrou ser capaz de, com seu testemunho pessoal, contribuir com a história da imigração japonesa no Brasil.

O próprio Tomoo, nos últimos parágrafos de seu livro, realça a importância de a história da imigração ser escrita constantemente e contada, preferencialmente, por várias vozes. Aponta também para a urgente necessidade de se documentar os inúmeros e valiosos depoimentos dos mais velhos — antes que eles nos deixem.

Ao final de suas vidas, mais uma coincidência cronológica aproximaria os imigrantes, àquela altura, nonagenários: Tomoo faleceu em Atibaia, em 1996 e Takahide, poucos meses depois, em São Paulo, em 1997. O médico, Dr. Toshio Chiba, assinou na madrugada do dia 9 de abril de 1997, em São Paulo, o seu atestado de óbito. Aos 93 anos de idade, o cidadão nascido japonês de nome Jirá Ogusuku falecia brasileiro, Takahide Daijó.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BACELLAR, C. et al. Fontes históricas. São Paulo: Contexto, 2020.

DAIJÓ, Harry Takahide. 1 Vídeo 1h04min30s. Entrevista com o Comendador Takahide Daijó. Youtube, 30 de out. de 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2o90q3-3w8k>. Acesso em: 13 de fev. de 2022.

GINZBURG, C. O queijo e os vermes. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

HANDA, T. O imigrante japonês, história de sua vida no Brasil. São Paulo: T. A. Queiroz, 1987.

HASHIMOTO, F.; TANNO, J. L.; OKAMOTO, M. S. Cem anos da imigração japonesa: história, memória e arte. São Paulo: Unesp, 2008.

HENSHALL, K. História do Japão. Lisboa: Edições 70, 2017.

SCARPIN, F. A.; TREVISAN, M. B. História e memória: diálogos e tensões. Curitiba: Intersaberes, 2010.

TAJIRI, T.; YAMASHIRO, J.; KIYOTANI, M. Uma epopéia moderna: 80 anos da imigração japonesa no Brasil. Editora Hucitec, 1992.

ANEXOS

Anexo 1: Capas dos três exemplares do “Método Prático da Língua Japonesa”

Fonte: arquivo pessoal de Takahide Daijó (1936)

Anexo 2: Captura de tela com a entrevista de Takahide Daijó

Fonte: Youtube (2021)

Anexo 3: Página 13 da lista de passageiros do navio Kawashi Maru

LISTA GERAL DE PASSAGEIROS

Para o porto de SANTOS

Fonte: Museu Histórico da Imigração Japonesa no Brasil (2021)

Anexo 4: Anotação de próprio punho de Takahide Daijó na primeira página do livro “O imigrante japonês: história de sua vida” de Tomoo Handa

Indices para catálogo sistemático:

Esta livro custou
Cz$ 1.900,00 (Hum mil e
novecentos cruzados), 6/3/1988,
em Sociedade Brasileira
de Cultura Japonesa, rua
São Joaquim, esquina com a da
rua Galvão Bueno. para filhos
e netos, Proibido emprestar,
doar livros, inclusive este,
T. Daijó, 7/3/88

Fonte: arquivo pessoal de Takahide Daijó (2021)